

Arqueologia da morte no concelho de Lousada: tumulações medievais na Igreja de Santa Maria de Alvarenga

Manuel Nunes* e Paulo Lemos**

1. Introdução

No concelho de Lousada são relativamente poucos e localizados os vestígios arqueológicos identificados com tumulações da época medieval. Como se depreende da análise do mapa de distribuição dos vestígios tumulares medievais no território de Lousada (Fig.1) e apesar de, recentemente, termos comprovado uma intensa e continuada ocupação deste espaço geográfico durante, pelo menos, os séculos XIII e XIV (Nunes, 2009:65), persistem amplas áreas do concelho onde o vazio informativo renova velhas interrogações acerca, não apenas dos rituais de morte e da sua conceção material durante a Idade Média, mas também, e em particular, dos pressupostos

sócio-mentais que os ditaram *in tempore*. A esta situação não é alheio o facto de a totalidade dos vestígios arrolados até à data se encontrar destituída de qualquer contextualização crono-estratigráfica, possibilitando pouco mais que leituras e interpretações circunstanciais. É neste quadro que situamos os arcazes mono-

líticos identificados nas proximidades das Igrejas Paroquiais de Sousela, Macieira e Torno, e ainda da Quinta de Padrões (Meinedo)¹, bem como as sepulturas escavadas na rocha detetadas no lugar do Irmeiro (Boim), em S. Miguel (adro da Igreja Paroquial de S. Miguel), ou ainda em Pade, igualmente em Meinedo (Cf. Mendes-

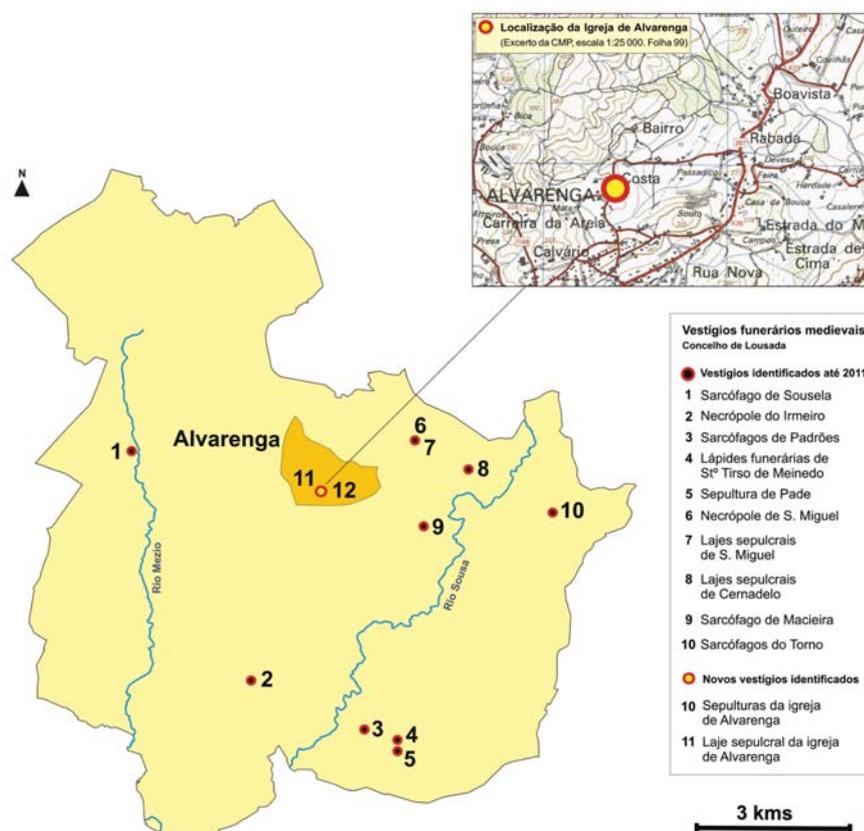


Fig. 1 - Localização dos vestígios funerários medievais conhecidos no concelho de Lousada.

* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada. (Manuel.Nunes@cm-lousada.pt)

** Arqueólogo

¹ Dois dos três sarcófagos surgidos na Quinta de Padrões, em Meinedo, encontram-se atualmente depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães (Cód. Inv. 127 e 128). (Cardozo, 1985:133-134)

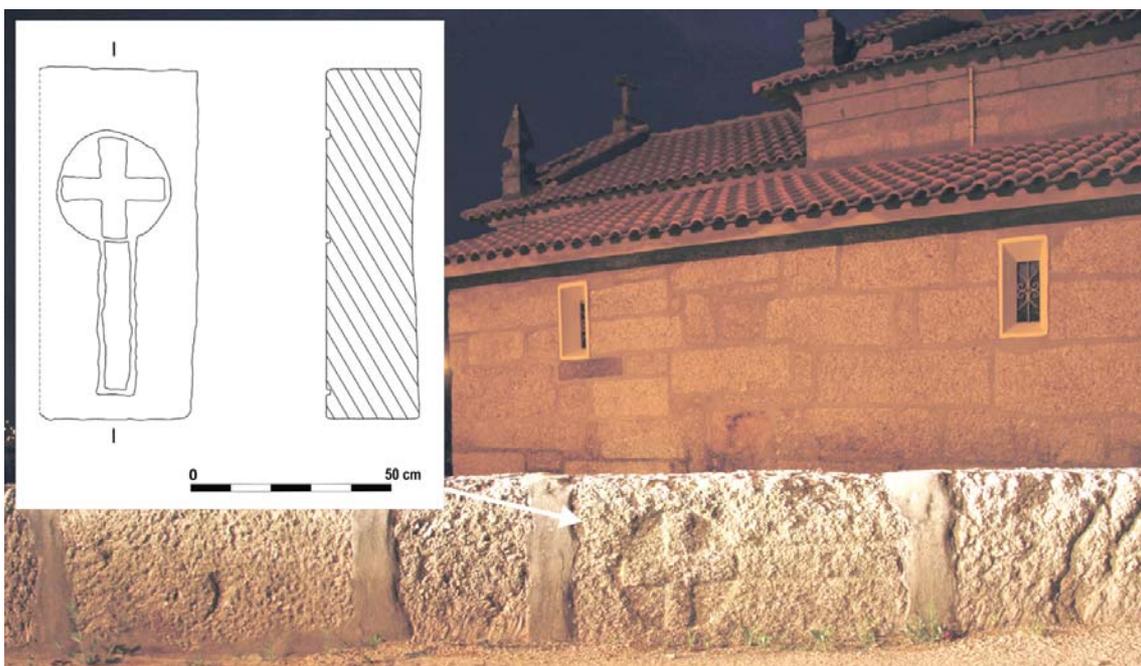


Fig. 2 - Fragmento de laje sepulcral medieval detetada na parede exterior do muro de delimitação do adro da Igreja Paroquial de Santa Maria de Alvarenga.

Pinto, 1992; Nunes *et al.*, 2006; Sousa *et al.*, 2006; Nunes *et al.*, 2008a). Para além destes achados, cabem ainda neste curto rol, os vestígios conotados com espaços sepulcrais, como as duas lápides funerárias supostamente provenientes de St.º Tirso de Meinedo (Barroca, 2000:130-131)² ou as lajes sepulcrais das Igrejas de Cernadelo (Nunes *et al.*, 2008b:102) e S. Miguel (Miranda, 1937:9; JL, 1938; Lanhas, 1971:574-575; Nunes *et al.*, 2008b:196-197)³. Todavia, a descoberta, em fevereiro de 2012, junto à Igreja Paroquial de Alvarenga, de um conjunto de 3 sepulturas *in situ* e parcialmente conservadas, bem como de um fragmento reaproveitado de uma laje sepulcral medieval, poderá trazer alguma luz sobre este tema, clarificando, nomeadamente, a coexistência, no espaço e no tempo, de diferentes rituais de tumulação.

2. A igreja medieval de Alvarenga

Fundada em data incerta, a primeira notícia relativa ao templo medieval de Santa Maria de Alvarenga (*Sancta Maria de Alvarenga*) chegamos através das inquirições de D. Afonso II, em

1220, incorporado no Termo de Lousada (PMH *Inquisitiones*, 1220:74). Em 1258, novamente mencionada no âmbito das inquirições régias, desta vez ordenadas por D. Afonso III, a igreja de *Sancte Marie de Alvarenga* é referida como sendo dos filhos e netos de D. Elvira Viegas⁴ e de apresentação do Arcebispo de Braga (PMH *Inquisitiones*, 1258:545). O atual edifício, encontra-se implantado a meia encosta, próximo de vários núcleos rurais, alguns deles mencionados desde o século XIII (Cf. Lopes, 2004:157-158). Apesar do edifício não conservar vestígios aparentes do primitivo templo medieval, a presença, no muro de limitação do adro, de um fragmento de laje sepulcral (séculos XIII-XIV), de feição retangular, decorado na face com uma cruz de braços retos, inscrita em círculo, com pé alto central sulcado, que se estende a todo o comprimento⁵, remete-nos para uma ambiência baixo-medieval que já não encontra correspondência no atual templo, globalmente datado do século XVIII (Almeida, 1995; Silva e Cardoso, 2010:1) (Fig.2). Todavia, tanto esta laje sepulcral, como as sepulturas detetadas junto à igreja, sus-

² Estas lápides funerárias encontram-se atualmente depositadas no Museu do Seminário Maior do Porto.

³ As lajes sepulcrais provenientes da Igreja de S. Miguel encontram-se depositadas no Museu de Etnografia e História do Porto.

⁴ Segundo Teixeira Lopes (2004:104), Elvira Viegas era filha de Egas Moniz, o Aio, e de Teresa Afonso de Cerzeda, sendo casada com Pedro Pais, o Alferes.

⁵ Apesar de, localmente, este elemento funerário ser conhecido como a "chave", estamos, efetivamente, perante um fragmento de laje sepulcral (c=86; l=45; e=28) em tudo semelhante a outros já inventariados na região do Baixo Minho (Fontes e Pereira, 2009:81-83).

tentam a hipótese, agora aventada, de uma correspondência espacial efetiva entre o lugar de culto medieval e o atual templo moderno-contemporâneo, uma pervivência que, conquanto frequentemente assumida para muitas igrejas paroquiais do concelho de Lousada, nem sempre encontra correspondência no registo arqueológico.

3. A necrópole medieval de Alvarenga

No lugar da Igreja, num talude situado cerca de 8 metros a oeste da Igreja Paroquial de Alvarenga, (N41°17'38.0''/W08°16'07.1'') foi detetado um conjunto formado por três sepulturas escavadas diretamente no substrato geológico (saibro), seccionadas transversalmente e cobertas por lajes graníticas. As sepulturas (S1, S2 e S3)⁶, dispostas paralelamente e, aparentemente, com orientação canónica, já que os perfis parecem estreitar no sentido nascente, encontram-se a cerca de um metro de profundidade em relação ao nível de circulação do terreno agrícola sob o qual estavam ocultas, atualmente pertença da Quinta d'Além (Fig.3 e 4). A colocação de guias para passeio e o alargamento mecânico da rampa de acesso à Quinta d'Além, terão fragilizado o talu-

de, permitindo o escorrimento de terras e a consequente descoberta deste sepulcrário.

Após uma limpeza sumária do talude, procedeu-se ao seu desenho e registo fotográfico, individualizando cada uma das sepulturas. As S1 e S2 encontram-se parcialmente truncadas, sendo o preenchimento composto por terras pouco compactas, de cor castanho-escuro, com abundantes raízes e ocasionais pedras de pequenas dimensões. A S3 encontra-se "selada" por uma pedra de grandes dimensões que a delimita no extremo oeste. As S1 e S2 apresentam um claro perfil em "U" e fundo aplanado, enquanto a S3 evidencia um perfil, aparentemente, oblongo.

À primeira vista, e tendo em conta as características gerais destas sepulturas (integralmente escavadas no nível geológico natural e com cobertura compósita de lajes de granito), diríamos estar em presença de um núcleo de enterramentos genericamente enquadrável na baixa Idade Média (Batista e Gaspar, 2000:35-36). No entanto, a recolha, durante o processo de limpeza da S2, de um fragmento cerâmico⁷ tipificado em contextos do século XIII (Rodrigues e Rebanda,



Fig. 3 - Sepulturas 1, 2 e 3 (após a limpeza) localizadas no talude fronteiro à Igreja de Alvarenga e imagem do fragmento cerâmico medieval detetado na S2.

⁶ As sepulturas apresentam as seguintes medidas máximas: S1 - Larg. 42cm; Alt.40cm; S2 - Larg.44cm; Alt.46cm; S3 - Larg. 86cm; Alt.48.

⁷ Trata-se de um fragmento de bojo pertencente a uma forma cerâmica indeterminada produzida a torno lento e com características evidentes de cozedura oxidante. A pasta apresenta cerne cinzento-claro e uma superfície de cor castanha com minúsculas palhetas de mica branca e abundantes desengordurantes de pequeno calibre provenientes da desagregação do granito.

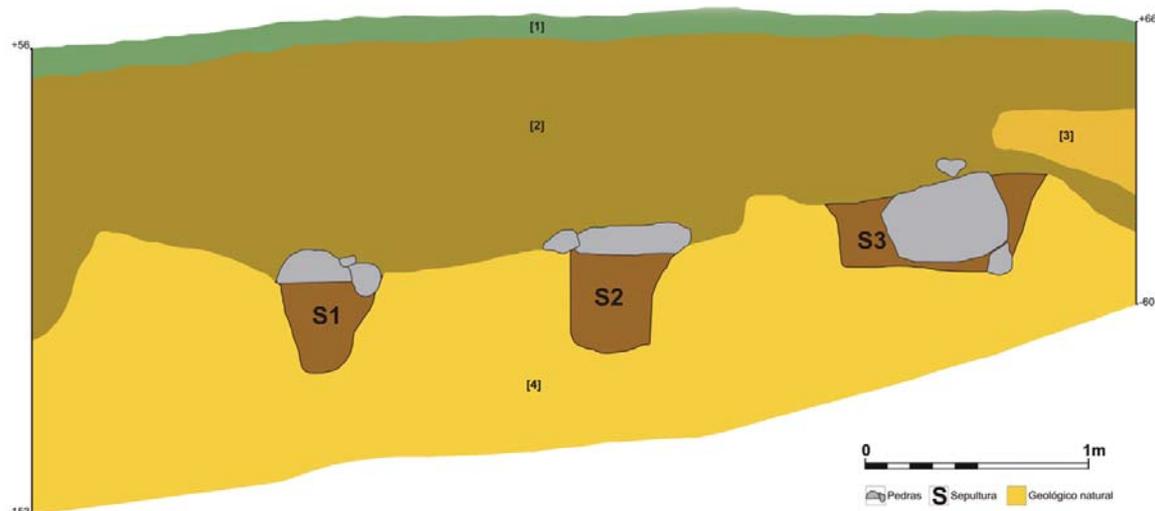


Fig. 4 - Desenho do talude com a implantação das sepultura 1, 2 e 3.

1998:102), remete-nos para um período coevo da igreja medieval de Alvarenga, numa época em que esta já se havia tornado paroquial. Se assim for, e sabendo que no século XIII a *tumulatio ad ecclesia* estava já generalizada, a cota à qual se encontram implantadas as sepulturas detetadas, bem como a sua distância em relação à igreja,

sugerem que o espaço de culto foi, desde então, alvo de profundas e continuadas modificações, nomeadamente através de trabalhos de rebaixamento e nivelamento geral, com vista à implantação do edifício setecentista, certamente de maior imponência e volumetria que o seu congénere medieval.

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F. (1995). *Patrimonium*. Inventário da Terra de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira. [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos, Lda.
- BATISTA, A.; GASPAS, F. (2000). A necrópole medieval do adro velho de S. Vicente. In *Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*. Vol.7. Porto: ADECAP, p.31-37. Atas do III Congresso de Arqueologia Peninsular.
- BARROCA, M.J. (2000). *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. II Tomo I. Col. Textos Universitários de Ciências Sociais. Lisboa: FCG/FCT.
- CARDOZO, M. (1985). Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- FONTES, L. e PEREIRA, B. (2009). Coleção de Epigrafia e de Arquitetura Medievais (séculos IX-XIV). Vol. II. Braga: IHAC-Arquidiocese de Braga.
- JL_Jornal de Lousada - *Lousada*. Artigo XIII. Lousada: Tipografia do Jornal de Lousada. Edição de 17.12.1938.
- LOPES, E.T. (2004). *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- MENDES-PINTO, J.M.S. (1992). *Património Arqueológico de Lousada*. Plano Diretor Municipal de Lousada. Lousada: Câmara Municipal. (Policopiado).
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2006). Sepulturas medievais escavadas na rocha no concelho de Lousada: o cemitério rupestre do Irmeiro (Boim). *OPPIDUM*. (1). Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.47-67.
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008a). Vestígios funerários da época medieval no território de

- Lousada. Suplemento de Arqueologia da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 9. 3.ª Série. N.º 49. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008b). *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- NUNES, M. (2009). A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património*. N.º 3. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.47-74.
- PMH_ *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones (1220 e 1258)*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.
- RODRIGUES, M.A. e REBANDA, N. (1998). Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilarça. *Atas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p.101-126.
- SILVA, E. e CARDOSO, C. (2010). Igreja de Santa Maria de Alvarenga. Suplemento de Património da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 11. 3.ª Série. N.º 71. Lousada: Câmara Municipal de Lousada. p.1-4.
- SOUSA, L.; NUNES, M. e GONÇALVES, C. (2006). Sarcófagos do concelho de Lousada: notas para um inventário. Suplemento da Revista Municipal de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 7. 3.ª Série. N.º 38. Lousada: Câmara Municipal, p.3-4.